

## PREFÁCIO

Há quarenta e oito anos li “A Cruz e o Punhal” (1969), do Rev. David Wilkerson. Foi um livro importante para a época, tendo marcado o início do “Desafio Jovem”.

Nesse livro, que não exagero se disser *best-seller* ou livro de culto, lê-se o programa de evangelização do autor em Nova Iorque, como ele o escreveu à sua família, quando sentiu a chamada divina para trabalhar na *Big Apple*:

*“Meus planos de serviço aqui são os seguintes: Evangelismo pessoal entre moças (prostituição, drogas), evangelismo nas ruas e cultos ao ar-livre, visitas a hospitais de adolescentes, visitas a moças presas, trabalho com igrejas denominacionais, trabalho com igrejas Pentecostais, etc. etc.”*

Com essa relação subliminar, comecei a leitura do presente livro de José Araújo Guimarães, “Família”. O que primeiro pensei foi que estamos perante não “a Cruz e o Punhal”, sociologicamente é impossível pelo ambiente social e urbano diversos, mas não estamos longe.

Não estamos longe porque se trata de uma obra sobre escolhas, sobre ruturas, sobre a preservação das famílias face ao plano divino, e para a crise maior destas quase duas décadas do século XXI, a dúvida sobre o que se quer ser, homem ou mulher, a crise da identidade de género.

Seja como for, “Família” é também um livro pessoal, em que as confidências de um trabalho evangelizador e uma extensa

reflexão íntima sobre a família ou as famílias, toma relevo excelente e necessário.

Se se trata de um livro confessional, o desiderato é alcançado, se se trata de um livro sobre uma visão, a visão tornou-se palpável. O autor escreve:

*“Fui até aos tempos de Jesus. Viajei pelas ruas poeirentas de Jericó até ao cego Bartimeu. Um homem certamente estigmatizado pela miséria, pelo preconceito dos vizinhos, amigos e até família. Mas Jesus passava por ali e pergunta-lhe: “Que queres que te faça?”*

Parecendo visão ou epifania, a verdade é que o paradigma estava lançado. E, assim, esta obra de JAG torna-se “voz e coragem”, instrumentos que o cego Bartimeu utilizou quando clamou: “Quero ver”.

Se se trata de um livro sobre a dor física e a dor psicossomática e/ou psicossocial em alguns dos testemunhos narrados, então a diegese do livro partilha o estado de alma do autor e os estados de alma dos outros.

É uma obra essencialmente sobre partilhas. Foi com este sentimento que o autor partiu um dia para uma aventura, que esclarece desde a introdução como iria ser, nestes 16 anos que passaram:

*“Há palavras que se ouvem uma só vez, mas ficam em nós a sussurrar no coração por toda a vida. Foi o que aconteceu nesse dia. Era uma quarta-feira, dez de abril de 2002. Bem cedo, eu e mais dois Gedeões (um americano e outro*

*australiano) saímos do hotel e rumámos a Tomar. Objetivo, a prisão.”*

E as experiências do autor, que são o cerne principal do livro e que nos levam pela mão para o entendimento da necessidade do que é Família. A família como suporte de muitas circunstâncias, mesmo no meio de ruínas, dispõe-se ao longo destas cento e tantas páginas. Como quase todas as obras cristãs, para o centro do livro concorre maiormente o pensamento bíblico do autor.

O Homem e a Mulher no plano de Deus: as escolhas. O Homem e Mulher imagem de Deus, não um do outro (*sendo esta parte das mais interessantes do livro*). Ideologia de género ou crise de identidade. Ser família também é cuidar do planeta: Ecologia.

O livro vai-se assim espalhando entre espiritualidade, cultura (Agostinho de Hipona, Pascal, Bertrand Russel), antropologia e a relação saudável entre o Ser e a Natureza. De facto, o título “Família” parece pequeno para tanta matéria. Sobretudo, para tanta humanidade, suportada por um humanismo cristão, de que saliento o drama paradigmático do homem do quarto 23: *“Aquele homem não temia o que dizia, sabia que vivera errado, ainda assim teimosamente rejeitou o esforço na aproximação aos filhos e à reconciliação.*

*Sabia que os seus dias se esgotariam naquela cama de hospital, quarto 23”.*

Relatos assim, que marcam os limites do ser humano e as suas circunstâncias, sobrelevando sempre o homem como um ser gregário, apesar da negação, são a riqueza narrativa desta obra, bem como o pensamento bem estruturado evangélicamente do autor, que tenho o prazer de conhecer desde a sua adolescência.

Escreve JAG numa das páginas e num dos capítulos do livro, mas poderia ser o tom gerador de tudo quanto “Família” aborda: *“Chegados aqui, é tempo de orientarmos os olhos para aquilo que lemos, revisitarmos o coração e, num percurso sério e embebido de amor, redescobrir os lugares onde perdemos ou enterrámos o evangelho do amor, e dar-lhe clareza, fazendo dele um modo de vida na família como se dela dependesse a humanidade.”*

Por fim, este livro de José Araújo Guimarães é um livro polissémico – tem vários sentidos, e polivalente – tem várias funções, não deixando quase nada de fora, no que concerne à relação do Homem (mulher e homem) com Deus.

© João Tomaz Parreira